



LUSO
JORNAL

Edition n° 251 | Série II, du 10 février 2016
Hebdomadaire Franco-Portugais

GRATUIT

O jornal das Comunidades Lusófonas de França, editado por CCIFP Editions,
da Câmara de Comércio e Indústria Franco Portuguesa



20

O ciclista Adérito da Cruz que sofreu uma queda em novembro, saiu do hospital e foi homenageado no Vélodrome de St Quentin-en-Yvelines.

Edition

F R A N C E



Transferts BCP

TRANSFEREZ
VERS LE PORTUGAL
ET GAGNEZ UNE
MACHINE A CAFE *

Delta

*Voir conditions sur banquebcp.fr

Banque BCP
L'EUROPEAN BANK FOR THE MEDITERRANEAN

O Consulado Geral de Portugal em Lyon está em obras

O serviço vai estar perturbado durante dois meses

07

Desde a eleição de 4 de outubro de 2015

Apesar das promessas, já lá vão

129

dias sem nenhuma proposta de alteração da Lei eleitoral para os Portugueses residentes no estrangeiro

07 **Consulado.** O Consulado Geral de Portugal em Bordeaux vai fazer a sua primeira Permanência Consular em Fumel, na Mairie daquela cidade.

08 **Ensino.** Estão abertas as inscrições para a nova Secção Internacional de Português no Liceu Alexandre Dumas, em Saint Cloud.

11 **Livros.** O livro "O dia em que o sol se apagou" de Nuno Gomes Garcia vai ser apresentado em público, pela primeira vez, em França.

13 **Arte.** Paris expõe a artista portuguesa Helena Almeida, na Galerie du Jeu de Paume, "para lhe dar a atenção há muito merecida".

Filme de Carlos Saboga nos cinemas franceses

13

Joana Ribeiro é atriz em "A uma hora incerta"

DR

• PUB



ASSURANCE-VIE
FIDELIDADE INVEST
CONTRAT EN EUROS

* Taux annuel net de frais de gestion et brut de prélèvements sociaux et fiscaux de 3 % réalisé au 31/12/2015

3%
TAUX DE RENDEMENT
NET EN 2015*

Les rendements passés ne préjugent pas des rendements futurs.

FIDELIDADE
ASSUREUR DEPUIS 1808

fidelidade.fr

→ “A uma hora incerta”

Filme de Carlos Saboga sai hoje nas salas francesas

Por Carlos Pereira

O último filme de Carlos Saboga, “A uma hora incerta”, que em francês se chama “A une heure incertaine”, sai nas salas francesas esta quarta-feira, dia 10 de fevereiro. Esta é a segunda longa-metragem que Carlos Saboga realiza, depois de “Photo” (2012).

Em “A une heure incertaine” - tal como em “Photo” - Carlos Saboga volta a situar a história do filme em Portugal e a cruzar destinos diferentes de Portugueses e de Franceses. Desta vez estamos em 1942, durante a ditadura de Salazar e com a II Guerra Mundial em trama de fundo. Dois refugiados Franceses, Boris e Laura, são apanhados pela PIDE e acabam por ser surpreendentemente escondidos pelo Inspetor Vargas no anexo do hotel onde mora. Um hotel fechado desde que a mulher adoeceu gravemente. Ilda, a filha de Vargas, descobre a presença dos dois irmãos Franceses e decide fazê-los partir, com ciúmes do pai.

No hotel fechado, vive o casal com a filha, mas também vive uma criada, Deolinda (representada por Filipa Areosa). O espaço pode representar o país, empoeirado, isolado do mundo, triste até. Não fosse a luz que tanto Ilda como a criada trazem ao filme. Joana Ribeiro, a atriz que faz de Ilda, está magnífica. Chegou aos ecrãs da televisão portuguesa em 2012, com a telenovela “Dancing Days” e desde então não parou de fazer telenovelas. Passou por “Sol de Inverno” e “Poderosas”, mas no cinema brilha ainda mais. Pena que não haja mais cinema em Portugal.



Aliás o casting do filme é de grande qualidade. Vargas é interpretado por um Paulo Pires no seu melhor. O ator que chegou ao cinema pelas mãos de José Álvaro Morais, em “Zéfiro”, em 1994, mas que “renasceu” em 1996 em “Cinco dias, cinco noites” de José Fonseca e Costa confirma que fez bem em deixar de lado uma carreira de modelo para se dedicar completamente à arte de representar.

Não deixa de ser curioso que Carlos Saboga tivesse dado um ar “humano” a um Inspetor da PIDE. Ele que fugiu do país e das opressões da Polícia Política... fez com que fosse Vargas a esconder os dois refugiados franceses. Certamente para mostrar que o charme de uma mulher tem mais força do que uma ditadura - Vargas

caiu no charme da Francesa (a atriz Judith Davis) - mas também para lhe fazer dizer que combateu na I Guerra mundial, em França, na Flandres, e que, no fundo “não há duas Guerras, há uma Guerra contínua”.

Mas para repor a situação no seu contexto, lá estava Jasmim, um agente da PIDE, tal como os imaginamos hoje, besta, insensível, capaz de passar rasteiras ao seu próprio subalterno. Jasmim tem “um caso” com a criada Deolinda mas acaba por ser morto por Ilda.

Ilda faz tudo no filme! É viva, desfaz-se em atenções para com a mãe que está acamada, e está apaixonada pelo seu próprio pai. Numa das cenas, lê à criada o episódio das filhas de Lot, no Velho Testamento, em que as duas fi-

lhas se deitam com o pai para preservar a descendência. A leitura parece não agradar a Deolinda, mas Ilda... Ilda acaba precisamente o filme sozinha, com o pai!

Carlos Saboga diz que não tem com Portugal questões identitárias ou acertos de contas e assume que tanto “A une heure incertaine” como “Photo” “questionam mais a época do que o país”. Quanto ao país “após todos estes anos de separação, Portugal é, para mim, sobretudo uma língua e uma memória”.

Carlos Saboga nasceu em 1936, em Portugal e fugiu clandestinamente para França. Ainda viveu algum tempo na Itália, antes de se naturalizar francês. Foi jornalista, tradutor e assistente de realização, mas foi sobretudo um reputado argumentista com mais de 16 filmes, alguns deles tendo sido selecionados nos mais reputados festivais de cinema e até premiados em San Sébastian ou em Cannes.

“O Lugar do Morto” de António-Pedro Vasconcelos (1984) foi escrito por Carlos Saboga, assim como “Aqui D’El Rei!” (1992) e “Jaime” (1999) do mesmo realizador.

“Les Mystères de Lisbonne” (2010) de Raúl Ruiz também tem assinatura de Carlos Saboga, assim como “Les Lignes de Wellington” (2012), iniciado por Raúl Ruiz, e depois realizado pela mulher deste, Valeria Sarmiento. Aliás “Mystères de Lisbonne” de Raúl Ruiz, escrito por Carlos Saboga a partir de uma adaptação livre do romance de Camilo Castelo Branco, deu a volta ao mundo e foi alvo das críticas mais positivas, apesar de durar quatro horas e meia. Participou nos festivais de To-

ronto, Nova Iorque, San Sebastian, São Paulo, Hong-Kong, Buenos Aires,...

Mário Raposo, o Diretor de fotografia dos dois filmes que Carlos Saboga realizou - uma velha cumplicidade que dura há mais de 40 anos, também ele radicado em Paris - também realizou dois filmes com argumento de Carlos Saboga: “Un Amour de Perdition” (2007) e “Le Miracle Selon Salomé” (2004).

Finalmente, Carlos Saboga escreveu, evidentemente, os argumentos dos seus dois filmes.

O filme que sai hoje nas salas francesas foi produzido por Paulo Branco da Leopardo Filmes.

Salas francesas

Na hora de fecho desta edição do LusoJournal, eis as salas que já programaram o filme. Outras estão atualmente em negociação.

Paris: Cinéma Saint André des Arts et MK2 Parnasse
 Marly-le-Roi: Le Fontenelle
 Le Mans: Les cinéastes
 Brest: Les Studios
 Cherbourg: L’Odéon
 Jaux: Le Majestic
 La Rochelle: L’Olympia
 Grenoble: Le Club
 Lyon: L’Opéra
 Marseille: Le César
 Nice: Le Mercury

Paris expõe Helena Almeida para lhe dar “a atenção há muito tempo merecida”

Por Carina Branco, Lusa

O Museu Jeu de Paume, em Paris, apresenta a primeira retrospectiva em França da artista portuguesa Helena Almeida, para “dar a atenção há muito tempo merecida a uma obra que parece cada vez mais relevante”, disse o curador à Lusa.

A exposição, que abriu ao público ontem, terça-feira, foi montada pelo Museu de Arte Contemporânea de Serralves, no Porto, que a exibiu de 16 de outubro a 10 de janeiro, sendo comissariada pelo Diretor-adjunto do Museu de Serralves, João Ribas, e pela curadora Marta Moreira de Almeida.

“Diria que é para dar a atenção há muito tempo merecida a uma obra que parece cada vez mais relevante, mais contemporânea e que já juntava tendências que agora são de grande interesse no contexto da arte contemporânea”, descreveu à Lusa João Ribas, na visita à imprensa, realizada na segunda-feira, em Paris. “Ela sempre foi uma artista internacional e esta retrospectiva existe porque há um grande interesse em saber mais e conhecer mais”, acrescentou.

João Ribas destacou que Helena Almeida “certamente não é conhecida em França como em Portugal”,



mesmo que o público francês possa conhecer, “talvez, as pinturas habitadas, que são obras de grande referência na arte contemporânea portuguesa e internacional”.

O Diretor de Serralves arrisca dizer que “é impossível escrever uma história da fotografia, uma história da performance, seja no contexto português ou no contexto internacional, sem incluir o trabalho de Helena Almeida (...) Também queríamos destacar que é uma artista que continua a trabalhar hoje em dia, que trabalha todos os dias”, afirmou.

O Diretor-adjunto de Serralves acrescentou que a mostra em Paris surgiu do “grande interesse de museus internacionais”, lembrando que a exposição também vai estar no Centro de Arte Contemporânea Wiels, em Bruxelas, de 10 de setembro a 11 de dezembro.

Em Serralves, a exposição chamou-se “Helena Almeida: A minha obra é o meu corpo, o meu corpo é a minha obra”, mas, para a itinerância, foi escolhido o título “Corpus”, para cruzar “a ideia de um corpo de trabalho”, enquanto retrospectiva, com “a referência

ao corpo como um elemento principal no trabalho da Helena Almeida”, e porque é “uma palavra que funciona em quase todas as línguas, por causa da relação com o latim”.

A mostra, “concebida como uma grande performance”, reúne obras de fotografia, pintura, vídeo e desenho, da década de 1960 a 2012, acompanhando a evolução da artista portuguesa que “habitou” as suas pinturas, ao trabalhá-las a partir da fotografia, e que “sempre testou os limites” dos diferentes meios de expressão plástica. A curadora Marta Moreira de Almeida declarou à Lusa que acha que “a exposição vai ser um sucesso”, tendo em conta as visitas preliminares à imprensa e a convidados ‘vip’, sublinhando que “é com grande satisfação” que vê “esta adesão do público”, face “a uma obra fresca, leve, radical”. “As pessoas gostam e entendem a obra dela com uma certa facilidade, sentem-se próximas”, acrescentou. Durante a visita à imprensa, esteve presente a escritora belga Amélie Notomb, uma das figuras mais mediáticas da cena literária francesa, que desconhecia o trabalho de Helena Almeida que classificou como “largamente mais contemporânea que

Louise Bourgeois”.

“Ela é incrivelmente contemporânea. Quando olhamos para as datas das obras - a maior parte dos anos 70 - parece que foram feitas anteontem. Está mesmo na vanguarda e eu não conhecia a vanguarda portuguesa e parece-me que é muito mais avançada que as outras vanguardas europeias”, disse a escritora à Lusa. As obras de Helena Almeida também inspiraram os artistas Géraldine Alexeline e Olivier Couto que, durante a visita, quiseram “habitar” as imagens da artista ao criar performances fotografadas em frente às obras. “Ela provoca algo, é uma grande artista e nós gostamos de participar nas exposições de forma ativa. Nós apropriamo-nos da obra dela e, de certa forma, copiamos-la”, descreveu à Lusa Géraldine Alexeline.

A exposição, patente até 22 de maio, está integrada na iniciativa “Printemps Culturel Portugais” que vai reunir em Paris, ao longo dos próximos meses, a obra de artistas portugueses como Julião Sarmento, Amadeo de Souza-Cardoso, vários nomes da arquitetura dos últimos 50 anos, e a produção do Teatro Praga.